

INFORMATIVO CONJUNTURAL

SETEMBRO/2026



SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO DE MINAS GERAIS

Superintendência de Inovação e Economia Agropecuária

Colaboradores: Amanda Bianchi, Bruno Sebastyan,
Eduarda Fernandes, Gabriela Lenti e Manoela Oliveira.

SUMÁRIO

1. O que é o Informativo Conjuntural?	01
2. Exportações do Agro	02
3. Safra Agrícola de Grãos	05
4. Valor Bruto da Produção	08
5. Crédito Rural	11
6. Artigo Técnico- O Impacto Invisível das Fibras Sintéticas e a Revolução Sustentável do Algodão.	13

>>> INFORMATIVO <<<

INFORMATIVO CONJUNTURAL



O QUE É O INFORMATIVO CONJUNTURAL?

O Informativo Conjuntural é um boletim informativo mensal, que descreve o comportamento atual da produção e de condições de mercado de vários produtos agropecuários, como: algodão, arroz, café, feijão, milho, soja, boi, leite, ovos, peixe e suíno. Além disso, apresenta informações sobre as exportações do agronegócio mineiro, o crédito rural aplicado no estado, o Valor Bruto da Produção agropecuária e artigos técnico-conjunturais que trazem temas relevantes correlacionados à economia, gestão e inovação no agronegócio.

Dessa forma, o informativo, elaborado mensalmente pela equipe da Superintendência de Inovação e Economia Agropecuária vinculada à Subsecretaria de Política e Economia Agropecuária da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais, tem como objetivo manter o produtor e todos os interessados e envolvidos no agronegócio mineiro municiados de informações conjunturais e atualizados sobre o contexto e a importância do agronegócio para a sócio economia do estado.

AGRONEGÓCIO DE MINAS GERAIS NO COMÉRCIO EXTERIOR

Desempenho e cenário internacional

Por Manoela Oliveira

SIEA/SEAPA

Fonte: MDIC. Análise: Siea/Seapa

As exportações do agronegócio de Minas Gerais somaram US\$ 12 bilhões entre janeiro e agosto de 2026, com embarques próximos de 11,7 milhões de toneladas. A receita caiu 7,1% em relação ao mesmo período de 2025, quando o estado exportou US\$ 12,89 bilhões. O volume embarcado permaneceu praticamente estável.

O comportamento dos principais produtos da pauta explica grande parte desse resultado. O café e o complexo sucroalcooleiro registraram retração, enquanto o complexo soja, as carnes e os produtos florestais apresentaram crescimento e compensaram parcialmente as perdas.

Principal produto

O café permaneceu como o principal produto das exportações do agronegócio mineiro. Entre janeiro e agosto de 2026, Minas Gerais exportou US\$ 5,84 bilhões em café, com embarques de cerca de 14,5 milhões de sacas de 60 kg. Na comparação com o mesmo período de 2025, a receita e o volume recuaram 15,2%. Apesar da queda, o resultado permanece historicamente elevado. A receita acumulada no período é a segunda maior da série, atrás apenas de 2025. O valor médio das exportações ficou próximo de US\$ 402 por saca, praticamente estável em relação ao ano anterior e cerca de 71% acima do observado em 2024. O desempenho indica que a retração da receita em 2026 está relacionada principalmente ao menor volume embarcado, e não a uma perda relevante de valor do café mineiro no mercado internacional.

Soja, carnes e produtos florestais

O complexo soja foi o segundo principal segmento da pauta agroexportadora mineira. As exportações alcançaram US\$ 2,82 bilhões e 6,52 milhões de toneladas entre janeiro e agosto de 2026. A receita cresceu 15,5% e o volume aumentou 7,5% em relação ao mesmo período de 2025. O complexo respondeu por 23,6% das vendas externas do agronegócio estadual.

As carnes geraram US\$ 1,23 bilhão em receita, com embarques de 324,3 mil toneladas. O valor exportado aumentou 5,6%, enquanto o volume permaneceu praticamente estável frente aos oito primeiros meses de 2025. O resultado indica melhora da receita sem expansão da quantidade embarcada.

Os produtos florestais somaram US\$ 728,7 milhões e 1,21 milhão de toneladas. A receita avançou 11,4% e o volume cresceu 9,8%. A celulose respondeu pela maior parte das vendas do segmento e alcançou US\$ 710,4 milhões e 1,18 milhão de toneladas.

O desempenho da soja também acompanhou o movimento observado no país. O Brasil exportou US\$ 39,4 bilhões do produto entre janeiro e agosto, com crescimento de 15,2% em relação ao mesmo período de 2025. As carnes também figuraram entre os destaques nacionais, especialmente a carne bovina.

Complexo sucroalcooleiro

O complexo sucroalcooleiro mineiro exportou US\$ 909,8 milhões e 2,52 milhões de toneladas entre janeiro e agosto de 2026. A receita caiu 28,4% e o volume recuou 12,6% frente ao mesmo período do ano anterior. O segmento respondeu por 7,6% da receita agroexportadora estadual.

O açúcar concentrou a maior parte das exportações do complexo. Minas Gerais embarcou 2,47 milhões de toneladas do produto e obteve receita de US\$ 882,2 milhões. A receita caiu 27,7% e o volume diminuiu 11,9% em relação aos oito primeiros meses de 2025.

O movimento também apareceu no cenário nacional. Em agosto, as exportações brasileiras de açúcar recuaram aproximadamente 37% em valor e 27,5% em volume. O MDIC apontou a maior demanda por etanol como uma das variáveis que podem influenciar a destinação da cana-de-açúcar entre açúcar e biocombustível.

A Conab projeta aumento da produção brasileira de etanol de cana na safra 2026/27 e redução da produção de açúcar. Esse cenário reforça a importância de acompanhar os preços internacionais do açúcar, o mercado de combustíveis e as decisões das usinas sobre o mix de produção.

Principais destinos

A China permaneceu como o principal destino das exportações do agronegócio mineiro entre janeiro e agosto de 2026, com US\$ 3,29 bilhões, equivalentes a 27,5% da receita do setor. O valor ficou praticamente estável em relação ao mesmo período de 2025, com retração de 1,0%. O complexo soja respondeu pela maior parte das vendas para o mercado chinês, seguido por carnes, produtos florestais e produtos do complexo sucroalcooleiro.

Os Estados Unidos ocuparam a segunda posição, com US\$ 1,02 bilhão, apesar da queda de 28,3% frente aos oito primeiros meses de 2025. O café concentrou a maior parte das exportações mineiras para o país. A Alemanha apareceu em seguida, com US\$ 908,7 milhões e redução de 9,0%, também com forte predominância do café.

A Itália se destacou entre os principais mercados ao registrar crescimento de 12,3% e alcançar US\$ 746,1 milhões. O café respondeu por cerca de US\$ 670,9 milhões desse total, reforçando a importância do produto na expansão das vendas mineiras para o país.

Outros destinos

O Vietnã ampliou em 42,0% as compras de produtos do agronegócio mineiro e alcançou US\$ 136,5 milhões. A Tailândia cresceu 37,4%, para US\$ 143,3 milhões, enquanto a Arábia Saudita avançou 28,8% e somou US\$ 181,9 milhões. Esses movimentos indicam maior dinamismo em mercados que ainda têm participação menor na pauta e podem contribuir para a diversificação dos destinos das exportações mineiras.



PRINCIPAIS DESTINOS DO AGRONEGÓCIO



CHINA (US\$ 3,29 BILHÕES)



EUA (US\$ 1,02 BILHÃO)



ALEMANHA (US\$ 908,7 MILHÕES)



ITÁLIA (US\$ 746,1 MILHÕES)



JAPÃO (US\$ 506,2 MILHÕES)

SAFRA AGRÍCOLA DE GRÃOS

Por Amanda Bianchi

SIEA/SUPEA/SEAPA

Fonte: Conab

O 12º Levantamento da Safra de Grãos 2025/2026, divulgado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), confirma crescimento da produção de grãos em Minas Gerais. A produção alcança 19,1 milhões de toneladas, volume 3,5% superior ao registrado na safra anterior. O avanço resulta da combinação entre expansão da área cultivada, que totaliza 4,4 milhões de hectares (+1,9%), e aumento da produtividade média estadual, estimada em 4.351 kg/ha (+1,6%).

Na Região Sudeste, as chuvas foram mais significativas no sul e leste da região, com volumes acima de 40 mm. Já no norte de São Paulo e em grande parte de Minas Gerais, registraram menos de 30 mm. As condições de tempo mais seco vêm favorecendo o andamento da colheita de culturas como milho, algodão, trigo e feijão.

**Conab aponta
crescimento de
3,5% na
produção de
grãos na safra
2025/26**

O prognóstico climático para setembro, outubro e novembro, na Região Sudeste, é seguir uma tendência de chuvas abaixo da média no centro-norte de Minas Gerais, Espírito Santo e norte do Rio de Janeiro. No sul de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, bem como em grande parte de São Paulo, são previstos volumes de chuva próximos e acima da média.

Soja e milho permanecem como os principais pilares da produção estadual, respondendo conjuntamente por cerca de 86% do volume total, equivalente a aproximadamente 16,4 milhões de toneladas. A participação expressiva dessas culturas reforça sua importância para o desempenho agregado da produção de grãos e para a dinâmica do agronegócio mineiro.

Entre as culturas com expectativa de crescimento destacam-se **algodão**, amendoim, feijão, milho e trigo. No algodão, a colheita avança e alcança cerca de 65% das áreas, concentrando-se majoritariamente sobre as lavouras irrigadas, com expectativa de encerramento até meados de setembro. Os trabalhos em campo e nas algodozeiras evoluem sem intercorrências, observando-se melhor qualidade da fibra em relação à safra passada. As produtividades verificadas confirmam a expectativa favorável e mantêm a estimativa do levantamento anterior.

As lavouras de arroz encontram-se colhidas no estado. Foi identificado um incremento na área irrigada nos últimos levantamentos, principalmente na região noroeste, ajustando os números finais para a cultura. Desse modo, nesta safra, o arroz de sequeiro produziu 6,6 mil toneladas, numa área total de 2,4 mil hectares, com

produtividade de 2.768 kg/ha. Já as lavouras irrigadas produziram 73,4 mil toneladas, numa área de 14,3 mil hectares.

A colheita do **feijão 2ª safra** avançou e foi finalizada em julho. Embora tenham ocorridos perdas pontuais de qualidade por conta de episódios de chuvas extemporâneas durante a maturação e colheita de algumas áreas, a maioria dos grãos obtidos apresentou bons parâmetros, além de bom rendimento, alcançando uma média de produtividade acima daquela obtida no ano passado e também levemente superior ao valor estimado no levantamento anterior. O fator climatológico, com boa distribuição de chuvas e temperaturas mais amenas durante boa parte do ciclo, além de um quadro fitossanitário mais favorável, com menor pressão de pragas sobre a cultura, principalmente mosca-branca, colaboraram para esse melhor desempenho das lavouras em termos de produtividade em relação a 2024/25. A área plantada também apresentou crescimento em comparação à temporada passada, permitindo um resultado final ainda mais prolífico.

Quanto ao **feijão 3ª safra**, o ciclo está se encaminhando para a parte final, com cerca de 70% da área colhida até o fim de agosto, e expressivo destaque para o avanço das operações no noroeste do estado, que é a principal região produtora de feijão nesse período. De maneira geral, o ciclo vem sendo melhor do que no ano passado, especialmente pela menor pressão de mosca-branca (*Bemisia tabaci*) registrada nesse ciclo em comparação com a temporada passada, que foi bastante prejudicada pelas perdas fitossanitárias ligadas a essa praga. No entanto, a recente elevação nas temperaturas e a baixa pluviosidade favoreceram a infestação de outras pragas, com destaque para a mosca-minadora (*Liriomyza* spp.), que cresceu significativamente e levou a perdas em algumas lavouras, especialmente no noroeste do estado, reduzindo assim o potencial produtivo da cultura como um todo.

O **milho 1º safra** permanece como um dos principais destaques do ciclo. A produtividade alcançou 7.085 kg/ha, crescimento de 14,0% em relação à safra anterior, enquanto a produção chegou a 4,8 milhões de toneladas, avanço de 23,4%. O desempenho contribuiu de forma significativa para o resultado positivo da produção estadual de grãos.

A colheita do **milho safrinha (2ª safra)** já alcança 89% da área total cultivada, contudo neste mesmo período do ano passado a colheita já atingia 97% da área. Os altos volumes de chuva durante fevereiro e março atrasaram o ciclo e colheita da soja, de forma que postergou também o plantio do milho para além da janela ideal. Isso, além de justificar o menor percentual colhido, reforça também o menor potencial produtivo expressado pelas lavouras. Além disso, ao perceberem o menor potencial produtivo, devido à restrição hídrica, os produtores reduziram os investimentos e houve uma maior incidência de doenças de final de ciclo, pressionando ainda mais a produtividade da cultura. O clima mais seco, principalmente para o Triângulo e Noroeste, tem favorecido a aceleração da colheita, o que é totalmente desejável, uma vez que os grãos são colhidos com umidade já reduzida, além de afastar dos riscos de incêndio no campo. Assim, a expectativa é que a produção do estado alcance 2.485,2 mil toneladas nesta safra, o que é 9,4% menor que o produzido na safra passada.

A **soja**, principal grão cultivado no estado, encerrou sua colheita no início de junho. Apesar dos eventos climáticos registrados durante o ciclo, as produtividades permaneceram próximas às da safra anterior. A cultura alcançou 9,16 milhões de toneladas, demonstrando estabilidade diante das condições adversas observadas ao longo da temporada.

A colheita do **sorgo** atingiu 70% das áreas na terceira semana de agosto, contra 80% no mesmo período da safra passada. Assim como o milho, os atrasos na semeadura, em razão dos elevados volumes de chuva até o final de março, foram relevantes, e praticamente todas as lavouras que ainda estão por colher foram semeadas a partir do início de abril. Estas lavouras tiveram seu desenvolvimento comprometido, apresentando cachos

menores e grãos com menor peso, visto que, em muitas áreas, não foram atingidos 3.000 kg/ha. Por outro lado, aquele sorgo semeado até o final de março se desenvolveu bem e apresentou na média produtividades próximas de 4.200 kg/ha, além, é claro, das áreas irrigadas com rendimentos superiores a 6.000 kg/ha. Em razão de uma chuva de granizo e ventos fortes que atingiu parte do Alto Paranaíba no final de julho, 1.000 hectares que estavam para ser colhidos foram comprometidos. Soma-se a isso, o fraco rendimento das áreas mais tardias que já estão sendo colhidas. Em relação à parte fitossanitária, em virtude de temperaturas mais elevadas, o pulgão exerceu maior pressão nesta safra quando comparado com a safra anterior. Vale lembrar que também foi registrado danos pontuais na fase final do ciclo da cultura devido à podridão do colmo. Assim, a produtividade média do estado sofreu uma correção em relação ao levantamento anterior, de maneira que a produção total estimada passou a ser de 1.411,9 mil toneladas.

As temperaturas mais elevadas do período aceleraram as operações de colheita do **trigo**. Além do atraso na semeadura, as temperaturas elevadas prejudicaram o perfilhamento das lavouras de sequeiro. O clima mais quente também afetou a qualidade. Mesmo durante o período mais seco houve ocorrência de chuvas que, principalmente na região noroeste, favoreceram o aumento da incidência de brusone, tanto nas áreas de sequeiro quanto nas irrigadas, culminando em perdas para a cultura.

De forma geral, a safra 2025/2026 consolida o crescimento da produção de grãos em Minas Gerais, com destaque para os ganhos expressivos de produtividade do milho 1º safra e aumento da produção de feijão. Ao mesmo tempo, o desempenho das culturas de segunda safra evidencia os efeitos da combinação entre atraso no calendário agrícola e redução das chuvas, com impactos mais acentuados nas lavouras de sequeiro do Noroeste e Triângulo Mineiro. Assim, embora o resultado estadual permaneça positivo, as diferenças entre culturas e regiões reforçam a importância das condições climáticas e da janela de plantio para a formação do potencial produtivo das lavouras.

Minas Gerais – Safra 2025/26						
PRODUTO	ÁREA (Em mil ha)		PRODUTIVIDADE		PRODUÇÃO (Em mil t)	
	Safra 25/26	VAR. %	Safra 25/26	VAR. %	Safra 25/26	VAR. %
ALGODÃO - CAROÇO (1)	40,0	↓ -11,3	2.851	↑ 16,4	114,0	↑ 3,3
ALGODÃO - PLUMA	40,0	↓ -11,3	2.039	↑ 16,4	81,6	↑ 3,3
AMENDOIM TOTAL	16,3	↑ 12,4	3.572	↓ -0,4	58,2	↑ 11,9
ARROZ	16,7	↓ -24,8	4.791	↑ 21,8	80,0	↓ -8,4
Arroz sequeiro	2,4	↓ -14,3	2.768	↑ 98,0	6,6	↑ 69,2
Arroz irrigado	14,3	↓ -26,3	5.131	↑ 19,3	73,4	↓ -12,0
FEIJÃO TOTAL	305,1	↑ 6,4	1.727	↑ 7,0	526,9	↑ 13,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	131,4	↑ 2,3	1.606	↑ 0,5	211,0	↑ 2,8
FEIJÃO 2ª SAFRA	111,6	↑ 10,3	1.586	↑ 8,2	177,0	↑ 19,4
FEIJÃO 3ª SAFRA	62,1	↑ 8,8	2.237	↑ 16,9	138,9	↑ 27,1
GIRASSOL	3,3	↓ -40,0	1.953	↑ 8,5	6,4	↓ -35,4
MILHO TOTAL	1.111,9	↑ 2,6	6.507	↑ 7,0	7.235,0	↑ 9,8
Milho 1ª Safra	670,4	↑ 8,3	7.085	↑ 14,0	4.749,8	↑ 23,4
Milho 2ª Safra	441,5	↓ -5,0	5.629	↓ -4,7	2.485,2	↓ -9,4
SOJA	2.342,4	↑ 1,1	3.910	↓ -1,4	9.158,8	↓ -0,3
SORGO	384,6	↑ 3,3	3.671	↓ -7,9	1.411,9	↓ -4,9
TRIGO	158,5	↑ 4,9	2.916	↑ 4,0	462,2	↑ 9,1
MINAS GERAIS (2)	4.378,8	↑ 1,9	4.351	↑ 1,6	19.053,4	↑ 3,5

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO

Por Amanda Bianchi

SIEA/SUPEA/SEAPA

Fonte: Banco Central do Brasil

Fonte: MAPA; Cepea; Conseleite; Conab.

VBP de Minas Gerais prevê alcançar R\$ 166,9 bilhões em 2026

O Valor Bruto da Produção (VBP) da agropecuária mineira está com estimativa de alcançar R\$ 166,9 bilhões em 2026. A projeção, feita com dados de agosto, aponta redução de 3,1% em relação ao ano passado.

O indicador é calculado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/USP).

Agricultura

As lavouras representam **67%** do faturamento total do VBP mineiro. Em 2026, há previsão de redução de 2,5%, com a receita alcançando R\$ 112,52 bilhões. Está estimada a alta para as culturas da batata-inglesa (+37,6%), do feijão (+60,2%), tomate (+7,1%), algodão (+0,6%) e da uva (+21,7%). Esses quatro produtos sozinhos correspondem por 9% do faturamento total das lavouras.

Principais produtos da agrícolas

Café Total	R\$ 59,1 bilhões
Soja	R\$ 18,0 bilhões
Cana-de-açúcar	R\$ 11,9 bilhões
Milho	R\$ 7,5 bilhões
Batata-inglesa	R\$ 4,1 bilhões



O **café** ocupa a liderança no segmento agrícola, contribuindo com 35% do VBP agropecuário e com o valor de R\$ 59,1 bilhões (-1,5%). Os preços do café arábica subiram em agosto, sustentados principalmente pela menor qualidade dos grãos da safra 2026/27 e pelos níveis historicamente baixos dos estoques certificados na Bolsa de Nova York (ICE Futures). O movimento ocorreu mesmo com a colheita brasileira encerrando o mês praticamente concluída, o que elevou a oferta doméstica. As preocupações com o clima para a próxima safra e seus possíveis impactos sobre as floradas também deram suporte às cotações (Cepea).



A **soja**, que ocupa o segundo lugar no segmento agrícola, registrando um VBP de R\$ 18,0 bilhões (-6,4%). De acordo com o Cepea, a firme demanda global, as condições climáticas irregulares no Hemisfério Norte e as incertezas quanto aos possíveis efeitos do fenômeno climático El Niño sobre a safra 2026/27 impulsionaram as cotações de soja no Brasil, em agosto. A intensificação dos conflitos no Oriente Médio também deu suporte às cotações.



O VBP da **cana-de-açúcar** é de R\$ 11,9 bilhões (13,6% inferior ao VBP de 2025). Segundo o Cepea, os preços do açúcar cristal branco no mercado à vista de São Paulo registraram forte alta ao longo de agosto, saindo da média de R\$ 93,02/sc de 50 kg na primeira semana para R\$ 108,53/sc na última. A oferta mais restrita no Centro-Sul e a postura mais firme das usinas sustentaram os valores, enquanto compradores reduziram o ritmo das aquisições diante da rápida valorização. Os preços médios dos etanóis registraram, em agosto, a primeira elevação da temporada 2026/27 no estado de São Paulo. O avanço está atrelado à previsão de chuvas em setembro na região Centro-Sul, o que pode gerar paralisações das atividades industriais, além da valorização do açúcar no mercado externo, dado o contexto de preocupação relacionado à possível menor disponibilidade em países produtores.



O VBP do **milho** está previsto para alcançar R\$ 7,5 bilhões, redução de 4,0%. Mesmo com a colheita da segunda safra na reta final e estimativas de produção recorde, os preços do milho avançaram de forma expressiva em agosto. De modo geral, compradores e vendedores estiveram retraídos, e as negociações ocorreram apenas de forma pontual. O impulso veio sobretudo, da posição retraída de produtores, que limitaram o volume de negócios no spot, fundamentados nas altas dos valores internacionais (que elevam a paridade de exportação), no atraso da colheita no Brasil em relação à temporada anterior e nas preocupações com o clima no final do ano, devido aos possíveis impactos do El Niño (Cepea).

Outros produtos agrícolas, além do café, da soja, da cana e do milho, apresentam queda nesta estimativa: banana (-4,2%), laranja (-39,8%), trigo (-9,9%), amendoim (-12,4%), mandioca (-17,2%) e arroz (-81,5%).

Pecuária

A receita da pecuária estima alcançar R\$ 54,6 bilhões em 2026, com queda de 4,2%. Há previsão de aumento de 10,6% para bovinos, registrando R\$ 20,8 bilhões. Os demais produtos apresentam queda na estimativa de setembro: leite (-6,4%), frango (-10,4%), suínos (-24,2%) e ovos (-11,5%).

Principais produtos da pecuária

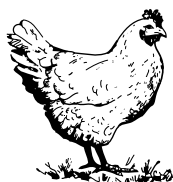
Bovinos	R\$ 20,8 bilhões
Leite	R\$ 17,4 bilhões
Frango	R\$ 7,7 bilhões
Suínos	R\$ 6,2 bilhões
Ovos	R\$ 2,5 bilhões



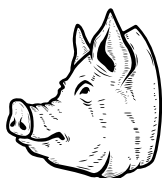
A **carne bovina** ocupa a liderança no segmento da pecuária, com participação de 38% no total do VBP da pecuária. O faturamento bruto pode chegar a R\$ 20,8 bilhões em 2026, o maior valor registrado, com aumento 10,6% em relação ao ano anterior. De acordo com o Cepea, as cotações da arroba do boi gordo ficaram firmes no mercado doméstico em julho, mas com espaço mais limitado para novas valorizações, devido à demanda interna enfraquecida. De modo geral, a oferta de animais terminados permanece relativamente ajustada em boa parte das regiões produtoras, enquanto as exportações da carne seguem em bom ritmo (em termos de valores no estado de MG).



O **leite**, de acordo com o Mapa, ocupa o segundo lugar no VBP da pecuária mineira, com participação de 32%. Em 2026, a previsão é de R\$ 17,4 bilhões, queda de 6,4% em relação ao ano anterior. O preço médio do leite cru captado por laticínios seguiu em alta em julho. A demanda por UHT, os estoques ajustados e o crescimento mais lento da captação em algumas regiões sustentaram a concorrência pela matéria-prima ao longo do mês (Cepea).



O VBP de **frango** prevê queda de 10,4%, alcançando R\$ 7,7 bilhões em 2026. O VBP de ovos também registra uma queda, de 11,5%, chegando a R\$ 2,5 bilhões. Segundo o Cepea, apesar das baixas registradas em junho e julho, o preço médio mensal da carne de frango apresentou pequena recuperação em agosto na maior parte das praças acompanhadas pelo Cepea. O movimento esteve atrelado, sobretudo, ao aquecimento da demanda interna (especialmente no início do mês) e ao bom ritmo das exportações. Quanto à oferta, por sua vez, está mais ajustada à demanda.



A **carne suína** está com previsão de redução de 24,2%, alcançando uma receita de R\$ 6,2 bilhões. O preço médio real do suíno vivo em é o menor da série histórica do Cepea, iniciada em março de 2002 – os valores foram deflacionados pelo IGP-DI de julho de 2026. Vale lembrar que o Cepea vem verificando um movimento de queda nos preços desde o começo deste ano e, mais recentemente, as desvalorizações foram intensificadas pela enfraquecida demanda pela carne suína na ponta final do mercado, o que reduziu as compras de lotes de animais por parte da indústria (Cepea).

CRÉDITO RURAL

Por Bruno Sebastyan

SIEA/SUPEA/SEAPA

Fonte: Banco Central do Brasil

Na comparação entre as safras **2025/2026 e 2026/2027**, Minas Gerais registrou redução de **33,0%** no número total de contratos de crédito rural, que passaram de 45.880 para 30.726 operações. O volume financeiro contratado também apresentou retração, de 19,0%, passando de R\$ 8,74 bilhões para R\$ 7,08 bilhões.

Na modalidade de **custeio**, foram registrados 17.205 contratos na safra 2026/2027, redução de 17,9% em relação à safra anterior. O valor contratado recuou 34,0%, de R\$ 6,27 bilhões para R\$ 4,14 bilhões. A retração ocorreu tanto na agricultura quanto na pecuária.

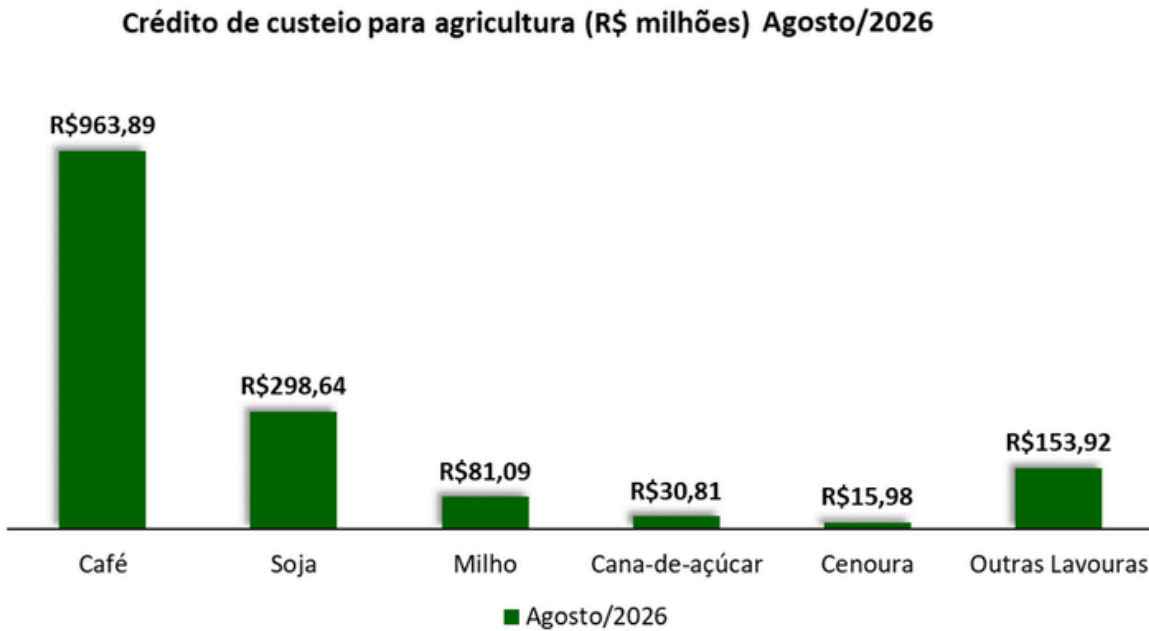
Os **contratos de investimento** apresentaram redução de 45,2% no número de operações, passando de 24.293 para 13.319 contratos. O volume financeiro também recuou, com queda de 33,8%, de R\$ 1,60 bilhão para R\$ 1,06 bilhão.

Na **comercialização**, houve forte redução no número de contratos, de 71,8%, passando de 607 para 171 operações. Apesar disso, o valor contratado apresentou aumento de 272,0%, passando de R\$ 440,6 milhões para R\$ 1,64 bilhão. O resultado foi influenciado pelo crescimento do volume financeiro tanto na agricultura, que avançou 245,5%, quanto na pecuária, com aumento de 375,5%.

Na **industrialização**, o número de contratos apresentou redução de 11,4%, enquanto o valor contratado recuou 44,2%, passando de R\$ 430,4 milhões para R\$ 240,0 milhões. Na pecuária, entretanto, houve aumento de 22,2% no número de operações, embora o volume financeiro tenha apresentado redução de 9,8%.

Total dos contratos - MG							
	Atividade	Nº de contratos (25/26)	Nº de contratos (26/27)	Variação %	Valor (Milhões R\$) (25/26)	Valor (Milhões R\$) (26/27)	Variação %
Custeio	Agrícola	11.615	9.610	-17,3	3.681,8	2.371,7	-35,6
	Pecuária	9.330	7.595	-18,6	2.587,8	1.766,6	-31,7
	Total	20.945	17.205	-17,9	6.269,6	4.138,3	-34,0
Investimento	Agrícola	11.551	6.155	-46,7	1.039,4	708,7	-31,8
	Pecuária	12.742	7.164	-43,8	562,7	352,5	-37,4
	Total	24.293	13.319	-45,2	1.602,1	1.061,2	-33,8
Comercialização	Agrícola	580	161	-72,2	351,1	1.213,1	245,5
	Pecuária	27	10	-63,0	89,6	425,9	375,5
	Total	607	171	-71,8	440,6	1.639,0	272,0
Industrialização	Agrícola	26	20	-23,1	365,0	181,0	-50,4
	Pecuária	9	11	22,2	65,4	59,0	-9,8
	Total	35	31	-11,4	430,4	240,0	-44,2
Total		45.880	30.726	-33,0	8.742,8	7.078,5	-19,0

Em **agosto/2026**, o crédito de custeio destinado à agricultura em Minas Gerais apresentou concentração nos principais produtos agrícolas. O **café** respondeu pelo maior volume de recursos, com **R\$ 963,89 milhões**, seguido pela **soja**, com R\$ 298,64 milhões. Entre as demais culturas, destacaram-se o grupo de **outras lavouras**, com R\$ 153,92 milhões, e o **milho**, com R\$ 81,09 milhões. A **cana-de-açúcar** e a **cenoura** registraram, respectivamente, R\$ 30,81 milhões e R\$ 15,98 milhões em recursos de custeio.



Em agosto/2026, o crédito de custeio da pecuária em Minas Gerais concentrou-se na **bovinocultura**, que totalizou **R\$ 785,37 milhões**. A **suinocultura** apresentou R\$ 65,63 milhões em recursos contratados, seguida pela **piscicultura**, com R\$ 7,76 milhões. A **avicultura** registrou R\$ 0,42 milhão, enquanto a **equinocultura** totalizou R\$ 0,20 milhão. A distribuição evidencia forte concentração dos recursos de custeio na bovinocultura, com os demais segmentos apresentando volumes significativamente menores.

Custeio da Pecuária - Julho/2026	
Atividade	Valor em milhões
Bovinos	R\$785,37
Suínos	R\$65,63
Avicultura	R\$0,42
Piscicultura	R\$7,76
Equinos	R\$0,20

O IMPACTO INVISÍVEL DAS FIBRAS SINTÉTICAS E A REVOLUÇÃO SUSTENTÁVEL DO ALGODÃO

Por Eduarda Fernandes

SIEA/SEAPA



A indústria global do vestuário enfrenta um ponto de inflexão impulsionado por graves, mesmo que ainda um pouco silenciosas, preocupações ambientais e de saúde pública. Durante as discussões do 15º Congresso Brasileiro do Algodão (CBA), promovido pela Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa), o debate sobre a sustentabilidade têxtil ganhou contornos urgentes e destaque em meio aos tópicos que unem toda a cadeia do algodão. O foco central voltou-se para a poluição invisível, porém devastadora, causada pelas fibras sintéticas derivadas do petróleo — como poliéster, poliamida e acrílico — e para o papel estratégico do algodão e das fibras naturais como solução viável para a transição ecológica global.

O Diagnóstico Global dos Microplásticos Têxteis

O avanço do modelo fast fashion nas últimas décadas promoveu a hegemonia das matérias-primas sintéticas, que hoje representam mais de 60% de todas as fibras produzidas no mundo. Contudo, a vantagem econômica imediata desse material esconde um passivo ambiental contínuo: o desprendimento de microplásticos durante o uso e a lavagem doméstica das roupas.

Segundo dados da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN, 2017), cerca de 35% de todos os microplásticos primários que poluem os oceanos globais são originados da lavagem de tecidos sintéticos. Nesse mesmo sentido, o relatório da Fundação Ellen MacArthur (2017) aponta que mais de 500 mil toneladas de microfibras plásticas são descartadas nos oceanos anualmente apenas por meio dos efluentes das máquinas de lavar. Estudo pioneiro conduzido por Napper e Thompson (2016), da Universidade de Plymouth, revelou que um único ciclo de lavagem de uma carga de 6 kg de roupas de poliéster pode liberar aproximadamente 700 mil fibras sintéticas na rede de esgoto.

Como as estações de tratamento de efluentes urbanos não possuem filtros projetados para reter partículas desse porte, os microplásticos fluem livremente para rios e mares, onde absorvem poluentes orgânicos persistentes (POPs) e são ingeridos pela fauna marinha, entrando na cadeia alimentar humana. Além disso, a dependência de fibras sintéticas implica no consumo contínuo de recursos não renováveis, o que potencializa o seu dano ao meio ambiente. O poliéster, sendo um subproduto do refinamento do petróleo, consome anualmente dezenas de milhões de barris de óleo bruto e exige alto consumo energético em seu processo de polimerização, contribuindo substancialmente para a emissão de gases de efeito estufa.

No campo da saúde humana, as consequências da contaminação por microplásticos deixaram de ser cenários teóricos e passaram a representar uma ameaça real. Em estudo publicado na revista científica *Environment International*, Leslie et al. (2022) detectaram pela primeira vez a presença de polímeros plásticos no sangue humano em 80% das amostras testadas, demonstrando que essas partículas circulam pelo sistema vascular. Complementarmente, a pesquisa de Ragusa et al. (2021) identificou a presença de microplásticos na placenta humana, levantando alertas graves sobre potenciais efeitos inflamatórios, toxicidade celular e desregulação endócrina causados pelos aditivos químicos presentes nos tecidos sintéticos.

A Resposta do Algodão e o Modelo Agroambiental Brasileiro

Diante do colapso gerado pelos materiais fósseis, as fibras naturais reafirmam sua relevância biológica e econômica em um cenário que exige mudança no comportamento de consumo. Ao contrário dos polímeros sintéticos que levam séculos para se decompor no meio ambiente, o algodão é uma fibra natural, apresentando alta biodegradabilidade tanto no solo quanto no meio aquático.

No contexto internacional de fornecimento responsável, o Brasil consolidou-se como referência global. De acordo com os dados consolidados da Abrapa desde 2024, o Brasil alcançou o posto de maior exportador mundial de algodão, superando tradicionais concorrentes internacionais, como Estados Unidos da América, tendo como destino principal os mercados asiáticos, especialmente China, Vietnã, Bangladesh e Paquistão, com milhões de toneladas anuais da fibra brasileira.

Nos últimos anos, o diferencial do algodão brasileiro reside na rastreabilidade e nos rígidos protocolos socioambientais, entregando verificações que o mercado tem cada vez mais exigido. Por meio do programa Algodão Brasileiro Responsável (ABR), operado em parceria com a Better Cotton Initiative (BCI), mais de 84% da área cultivada de algodão no Brasil possui certificação socioambiental auditada. O programa garante:

- Adoção de boas práticas agrícolas e conservação do solo no Cerrado brasileiro;
- Cumprimento rigoroso da legislação trabalhista e proibição de trabalho infantil ou análogo ao escravo;
- Eficiência no uso da água, com cerca de 90% das lavouras brasileiras cultivadas em sistema de sequeiro (dependentes exclusivamente do regime de chuvas).

Além disso, iniciativas como o programa SouABR introduziram a tecnologia blockchain para rastrear a cadeia produtiva do algodão desde a fazenda até a peça final no varejo, permitindo ao consumidor final verificar a origem ética e ambiental do produto por meio de QR Codes instalados nas etiquetas.

Futuro e o Apelo ao Consumo Consciente

Considerando o problema a ser enfrentado, o cenário regulatório internacional sinaliza mudanças profundas para os próximos anos. A União Europeia avança com diretrizes rigorosas dentro da Estratégia para Têxteis Sustentáveis e Circulares, que prevê a responsabilização estendida do produtor e o combate ao greenwashing

além de impor restrições ao descarte e à liberação de microplásticos no meio ambiente. As projeções indicam uma transição inevitável no comportamento do consumidor global, que passa a demandar transparência, durabilidade e compostabilidade das vestimentas. Contudo, o ritmo dessa transformação dependerá de políticas públicas alinhadas à conscientização do mercado que precisa equilibrar o custo com a moda.

O alerta final emitido nos fóruns do setor agroindustrial é claro: a escolha das roupas que vestimos não é um ato isolado de estilo, mas uma decisão de impacto ambiental direto. Substituir a lógica do descarte rápido e do uso de polímeros fósseis pela valorização de fibras naturais e certificadas representa uma urgência ecológica indiscutível. Dessa forma, promover o algodão sustentável é garantir a integridade dos oceanos, a preservação da saúde humana e a longevidade dos recursos do planeta, além de contribuir para que um produto produzido no Brasil em tamanha abundância cada vez mais componha a nossa

Referências Bibliográficas

- ABRAPA — Associação Brasileira dos Produtores de Algodão. Relatório de Sustentabilidade e Dados de Produção do Algodão Brasileiro. Brasília: Abrapa, 2024.
- ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. A new textiles economy: Redesigning fashion's future. Cowes: Ellen MacArthur Foundation, 2017.
- IUCN — International Union for Conservation of Nature. Primary Microplastics in the Oceans: A Global Evaluation of Sources. Gland: IUCN, 2017.
- LESLIE, Heather A. et al. Discovery and quantification of plastic particle pollution in human blood. *Environment International*, v. 163, p. 107199, 2022.
- NAPPER, Imogen E.; THOMPSON, Richard C. Release of synthetic microplastic plastic fibres from domestic washing machines: Effects of fabric type and washing conditions. *Marine Pollution Bulletin*, v. 112, n. 1-2, p. 39-45, 2016.
- RAGUSA, Antonio et al. Plasticenta: First evidence of microplastics in human placenta. *Environment International*, v. 146, p. 106274, 2021.